

Jussara Salazar: Uma poética feminista

Jussara Salazar: A feminist poetics

Silvana Cattelan*

*Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO)
e-mail: siledebora@yahoo.com.br

Claudio Mello*

*Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO)
e-mail: claudiomello@unicentro.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar um olhar sobre a poética da escritora Jussara Salazar, apontando características do feminismo que são exploradas em seus poemas. Considerando que, graças ao feminismo foi possível a trajetória da escrita de autoria feminina ao longo dos séculos, e que esta foi marcada por difíceis processos de apagamentos e discriminação, valorar essas produções implica em (re)significar a participação literária, cultural e social que a mulher possui na sociedade. Nesse sentido, tecer reflexões referentes ao papel desempenhado pela mulher escritora na sociedade ao longo do tempo contribui para a construção da fortuna crítica dessa escritora e para sua visibilidade da literatura de autoria feminina na contemporaneidade. Essas reflexões são amparadas neste artigo nas teorias feministas de Duarte (2003), nos estudos de autoria feminina de Teixeira (2008) e Zolin (2019) e em Paz (1983) sobre o que versa quanto à poesia e o fazer poético.

Palavras-chave: Jussara Salazar. Feminismo. Autoria feminina.

Abstract: The present work aims to present a look at the poetics of the writer Jussara Salazar, pointing out characteristics of feminism that are explored in her poems. Considering that feminism contributed to making possible the trajectory of writing by female authorship over the centuries, and that this was marked by difficult processes of erasure and discrimination, valuing these productions implies (re)signifying literary, cultural and social contributions. , that the woman built in the society. In this sense, weaving reflections regarding the role played by women writers in society over time, contributes to the construction of this writer's critical fortune and to her visibility in contemporary literature by women. We support these reflections in the feminist theories of Duarte (2003), in the studies of female authorship by Teixeira (2009) and Zolin (2019) and in Paz (1983) about what is about poetry and poetic making.

Key words: Jussara Salazar. Feminism. Female authorship.

Com o intuito de observar características feministas na poética de Jussara Salazar, apresentamos brevemente a autora e sua relação com a escrita. Trata-se de uma contextualização autoral que, sem que seja determinante da obra, oferece ao leitor novas possibilidades de estabelecer relações e potencializar a significação dos textos.

Contemporânea, nascida no ano de 1959 em Caruaru, interior de Pernambuco, Jussara Farias de Mattos Salazar há mais de duas décadas reside em Curitiba-PR. A poeta se sobressai no cenário atual por possuir um olhar diferenciado e uma forma singular de produzir seus textos. Além dos livros publicados até então por editoras digamos convencionais, ela também publica seus trabalhos literários ou ensaísticos em sua conta pessoal da rede social *Facebook*.

Ao considerar a composição temática de seus versos, percebemos que há uma preocupação frequente com os acontecimentos reais que circundam a autora na sociedade, com destaque para sua condição de mulher em uma sociedade capitalista, machista e patriarcal.

Nesse sentido, avaliamos que há importância em considerar quem recebe o texto literário e que a poesia exige do leitor uma contribuição importante conduzindo-o até a compreensão dos sentidos possíveis no texto, como discutido por Jauss (1979) e Barthes (1987) em obras nas quais eles postulam uma participação ativa do leitor na construção do significado do texto. Assim, entendemos que escrever sobre a obra poética de Jussara Salazar é um grande desafio, pois a tessitura dos seus versos desperta o leitor para a criticidade e a reflexão de modo especial. Explorar as linhas e entrelinhas dos poemas e buscar as fontes que inspiram a poeta na elaboração de uma poética tão pungente, implica em fazer um movimento entre a realidade vivenciada e a expressão literária.

VOZES FEMINISTAS NA POÉTICA DE JUSSARA SALAZAR

Para explorar a temática do feminismo presente nos textos de Salazar, consideramos importantes alguns apontamentos sobre sua obra. No livro *Natália* (2004), dedicado à tia-avó da poeta, que é uma publicação de poesias na qual ela utiliza situações da realidade como ponto de partida, há a rememoração de acontecimentos significativos para o universo feminista. O silenciamento feminino, representado pela proibição da pronúncia do nome Natália na família é uma característica trabalhada nos versos. Sobre isso, Vitor Sosa, poeta, artista plástico e crítico literário aponta:

Jussara dialoga com os fantasmas cuidadosamente vestidos e adornados, formosamente providos de anéis e de tiques que os devolvem a uma realidade: “a cigarrilha entre os dedos pequeninos e os anéis, pequenos sóis em brasa.” E também dialoga com inumeráveis referências da cultura popular, da religião, do imaginário coletivo: São Jorge, Santa Rita, São João Batista, Santa Luzia, a Virgem de Guadalupe, anjos e demônios do repertório católico, que entram e saem do fluido decurso poético, das velhas casas de família e do aparatoso, antigo vestuário feminino (Sosa, 2004 *apud* Salazar, 2004, p. 128).

Os diálogos apontados por Sosa (2004) enaltecem a importância das vozes retomadas que ressoam nos poemas da obra *Natália*. A associação com o que compõe o feminino se destaca, revelando uma criticidade inerente à poética da autora.

Além da obra *Natália*, há também estudos observados sobre *Fia* (2016), outro livro de poemas. Os estudos exploram o sentido do fiar das palavras ao ato do trabalho das rendeiras com os fios, denotando uma construção artesanal dos versos. A abordagem da passagem do tempo e a riqueza construída por essas mulheres que repassam a técnica da confecção das rendas também é trabalhada nos poemas, bem como a presença da memória dos antepassados, envolvendo a questão da resistência e da luta diária pela sobrevivência diante de uma realidade opressora e difícil que faz parte da vivência das fiandeiras nordestinas.

Ainda sobre *Fia* (Salazar, 2016), para a pesquisadora Luana Sofiati (2021), em sua dissertação *Desfiar a tradição, criar outra urdidura: o gesto tecedor na poesia brasileira contemporânea*, a escrita está atrelada ao tecer os fios de forma coletiva. Assim o texto é construído, considerando toda a subjetividade que se faz presente através da cultura feminina e da tradição de entrelaçar os fios que muito se assemelham à vida das mulheres de Gravatá. A ação de fiar associada ao gesto de sobrevivência, sem alardes, dimensão criativa e transgressora que marca a vida e a subjetividade das trabalhadoras – mas não só delas, dada a abertura da interpretação em uma dimensão mais ampla que abarca, portanto, todas as mulheres em situações semelhantes.

Através da partilha do cotidiano com as rendeiras, nasceram poemas que bordejam a religiosidade e a ritualização do gesto de fiar, na clave da ressignificação dos símbolos, de modo a delinear as subjetividades dessas mulheres artistas, sem encerrá-las em uma definição (Sofiati, 2020, p. 10).

Uma das características observadas em *Fia* é a prática da construção dos versos enaltecendo o mistério que entorna a vida humana, tornando mais vivo tudo o que é tocado pela poesia (Sofiati, 2020; Costa, 2021).

Ademais, na obra *O dia em que fui Santa Joana dos Matadouros* (2020), Jussara Salazar inspira-se em histórias de mulheres reais. Zia, Maria e Beatriz são usadas para a construção do livro que aborda o silenciamento de três mulheres, marcadas pela violência material e simbólica. Elas são o motivo da expressão literária, são vingadas pelos versos, são retomadas através da memória e seus nomes pronunciados lembram que “dizer é também agir: a minha guerra será a tua guerra/não a guerra dos homens/mas a dos pássaros desgarrados” (Salazar, 2021).

Sobre a obra *O dia em que fui Santa Joana dos matadouros* (2020), Flores (2021), em resenha publicada no *Jornal Continente* em fevereiro de 2021, aponta que:

Jussara Salazar vem fazendo uma trajetória absolutamente notável, apesar da discrição que marca sua pessoa e sua presença na cena literária e artística brasileira. No finzinho do doloroso ano passado, saiu sua última obra, *O dia em que fui Santa Joana*

dos Matadouros, pela editora Cepe, num momento em que poucos puderam festejar o acontecimento como ele merecia; porém trata-se, ao mesmo tempo, de uma continuidade de seus projetos de longa data, e de uma peça forte, única na poesia brasileira atual. Não foi mesmo à toa que recebeu o 6º Prêmio Hermilo Borba Filho de Literatura (Flores, 2021, n.p.).

O exposto pelo autor é confirmado no decorrer do ano quando a escritora Jussara Salazar se aproxima da conquista do Prêmio Jabuti (2021), na categoria poesia. Esse fato revela a importância da obra para a composição da história da literatura contemporânea, bem como para marcar a presença da autoria feminina, uma escrita que desafia o cânone e utiliza modelos de mulheres reais, aquelas que fazem parte de um mundo marcado pela autonomia e que não se calam diante da marginalização (Zolin, 2019).

No que diz respeito à temática figurada na obra *Santa Joana dos matadouros* (2020), Flores (2021) destaca a relação com a realidade agreste vivenciada pelas mulheres no Brasil atual.

Ainda quanto ao título, a obra *Santa Joana dos matadouros* (2020) parece soar uma experiência de alguém que por instantes quer estar na presença do outro que passou por um determinado acontecimento.

Jussara Salazar, porém, sabe, talvez mais do que ninguém, que a retomada da voz não é o grito desmesurado, nem a chamada desesperada por compaixão: a retomada da voz é, talvez paradoxalmente, a proliferação das vozes, que contrastam a potência de beleza do horror contra essas vidas com a potência de beleza do que essas mesmas vidas poderiam ter sido, não fossem assim silenciadas, cortadas. Aí está o jogo de sutileza, de pesquisa, de projeto. Dez anos de escrita reunidos num gesto forte e pungente, sem cair no sentimento fácil, arrancando das cenas, entre vividas e imaginadas, o ponto em que a tragédia pessoal se torna a repetida farsa pública (Flores 2021, n.p.).

Observa-se a semelhança do que relata Salazar sobre seu próprio fazer poético: “[...] A poesia caminha lado a lado com a vida [...] Eu procuro fazer da minha poesia a minha voz [...]” (Salazar, 2021, n.p.). Assim, a escrita da poesia associa-se com o que



afirma (BOSI, 1977, p. 192): “A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar.”

As considerações apontadas por Flores (2021), além de evidenciar uma poeta plural, sugerem que são amplos os desdobramentos que a autora trabalha em sua poética.

FEMINISMO

“Por essência a mulher é inconstante, como fluida é a água; e nenhuma força humana pode contradizer uma verdade natural.”

(Beauvoir, 1970)

Para associarmos o feminismo à poética de Jussara Salazar é salutar contextualizar o papel exercido pela mulher ao longo da história, suas lutas e a forma como se deu sua inserção no universo da escrita. Sendo assim, abordaremos alguns dos aspectos principais que fazem parte da história do feminismo e da escrita de autoria feminina. Tomamos como ponto para reflexão os significados do termo feminismo segundo o Dicionário Online de Português (2022) e o Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa – Michaelis (2022), que o conceitua como:

Doutrina cujos preceitos indicam e defendem a igualdade de direitos entre mulheres e homens; Movimento que combate a desigualdade de direitos entre mulheres e homens; [Por Extensão] Ideologia que defende a igualdade, em todos os aspectos (social, político, econômico), entre homens e mulheres (Dicio, 2022).

Essa busca por igualdade que agrega ao movimento feminista a luta social de mulheres não apresenta uma delimitação exata definida historicamente sobre seu irrompimento. Trata-se de uma mobilização bastante diversificada e em vários lugares do mundo, como na França, nos anos 60. No Ocidente, estudos associam o surgimento do movimento à Revolução Francesa, na Europa do século XVIII. Retornando à história, vemos que a insatisfação da mulher no que diz respeito à forma como ela foi tratada ao

longo dos séculos é um dos motivos mais marcantes para o surgimento desse ato político. Antes mesmo de surgir o termo *feminista*, a busca pela equidade entre os gêneros já se fazia presente nas atitudes femininas que contestavam a subjugação das mulheres. Essas formas de resistência, a partir do século XVIII, passaram a ser denominadas como feminismo. Esses movimentos evidenciam as lutas travadas até a atualidade, no que diz respeito à expressão do que aflige o ser mulher na sociedade e sua resistência ao não compactuar com os valores patriarcais que determinavam uma existência submissa, restrita ao lar, como capaz apenas de cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos.

Em amplo sentido, o feminismo poderia ser entendido como gesto que apresenta um objetivo definido, a luta contra as formas de opressão e discriminação da mulher na sociedade, que exige a aplicação dos direitos civis e políticos, quer seja individualmente ou em grupo. Dessa forma, pode-se valorizar a luta contra os mais diversos tipos de preconceitos e demonstrar apreço para com aquelas mulheres que foram expostas à crítica e ao julgamento e que podem ser consideradas as primeiras feministas (Duarte, 2003).

RESISTÊNCIA FEMININA E O DEVIR HISTÓRICO

“no vale das sombras vigia-te o sagrado officio maria ao fio: antimusa: dúvida. resiste ainda rosa-obtusa [sic]” (Salazar, 2020)

O início do feminismo no Brasil marca as primeiras décadas do século XIX e se desenvolve em quatro momentos importantes, chamados de *ondas*, evidenciando o movimento e seu percurso entre altos e baixos, passagens e recomeços necessários. Historicamente, a maior visibilidade ocorreu nos anos de 1830, 1870, 1920 e 1970, com períodos de 50 anos entre uma onda e outra, que se mantiveram com atuações de mulheres decididas a atravessar as barreiras da intolerância e abrir novos espaços (Duarte, 2003).

A *Primeira onda: as primeiras letras*, configura uma necessidade do movimento e indica o desejo das primeiras mulheres de se imporem diante dos conceitos que se apresentavam até aquele momento na educação. A atitude delas em busca de orientação

e instrução representa o início das manifestações escritas e das profissões que mais tarde se fortaleceram (Duarte, 2003).

Considerando o cenário geral, que refletiu mudanças no pensamento feminino no início do século XIX no Brasil, o lugar de opressão das mulheres era normalizado para grande parte delas, mantidas presas à submissão dos antigos costumes patriarcais. Rodeadas das mais diversas formas de preconceitos e imposições culturais, ainda lhes era negado o contato com a leitura e a escrita, legalmente permitido somente ao público masculino.

A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas. E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que a mulher não necessitava saber ler nem escrever (Duarte, 2003, p. 153).

A presença da mulher no espaço acadêmico e escolar garantiu acesso aos seus direitos básicos como indivíduo. Entrar em contato com a instrução e assumir o papel de construtora da sua própria história, que até então participara apenas dos bastidores. Contudo, isso só foi possível através da alfabetização e, conseqüentemente, da socialização por meio da educação, um direito universal e humanizador que remonta ao século XVIII.

Uma vez conquistado o direito de frequentar escolas, a *Segunda onda: ampliando a educação e sonhando com o voto*, inicia em 1870, caracterizada pelo crescimento da circulação de jornais, revistas e periódicos com conteúdos feministas. Oriundos do Rio de Janeiro e de outros lugares do país, esses materiais, mais jornalísticos do que literários, divulgavam conteúdos voltados para os interesses do público feminino e alertavam em relação aos seus direitos, não só no Brasil como também em outros países (Duarte, 2003).

Na terceira onda feminista, *rumo à cidadania*, figuram mulheres que ansiavam de maneira destemida a ampliação do campo de trabalho que não fosse apenas a profissão de professoras; elas queriam atuar no comércio, nos espaços públicos, nos hospitais, nas indústrias, etc. Essa onda demonstrou mais organização em relação às duas primeiras e iniciou-se com o clamor pelo voto. Destacou-se nesse momento Bertha Lutz (1894-1976), bióloga formada em Paris, uma liderança que ressaltou os direitos pelo voto e pela igualdade feminina, denunciando a opressão das mulheres. Por exemplo, ela fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que se expandiu para outros estados e se manteve resistente por quase 50 anos (Duarte, 2003).

A década de 1920 contou com inúmeras movimentações de mulheres que buscavam a emancipação em diferentes planos da vida social, como passeatas barulhentas, ocupação de espaços públicos para chamar a atenção, o que realmente aconteceu, como, após muita pressão junto aos políticos, a apresentação de projeto de lei em favor do sufrágio pelo Senador Justo Chermont. Esse fato gerou tanta repercussão que os antifeministas do Senado, da Câmara e da imprensa uniram-se em prol da ridicularização das mulheres e dos poucos homens adeptos ao movimento, atrasando o processo da campanha do voto até 1928. Os discursos e concepções masculinas ainda prevaleciam os mesmos, de que a mulher deveria dedicar-se ao lar por ser incompatível sua participação na esfera pública (Duarte, 2003).

AUTORIA FEMININA

“Não morre aquele que deixou na terra a melodia de seu cântico na música de seus versos.”
(Coralina, 2012)

Muito além das manifestações e da presença da mulher nos campos sociais, integrar-se ao que lhe era proibido na literatura constitui uma nobre tarefa, exercida com um potencial inigualável. Isso é notado por Zolin (2009, p. 106), quando lembra que:

A considerável produção literária de autoria feminina, publicada à medida que o feminismo foi conferindo à mulher o direito de falar, surge imbuída da missão de “contaminar” os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir da centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem situado socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas.

Nesse sentido, a voz literária feminina que surgiu de forma tênue, ainda marcada pelo julgamento e invisibilidade, passou a desafiar os territórios proibidos e ocupar o espaço literário com determinação. Ainda em 1832, raras eram as mulheres brasileiras *educadas* e ainda menos escritoras. A mineira Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1860) e as gaúchas Clarinda da Costa Siqueira (1818-1867) e Delfina Benigna da Cunha (1791-1857) são hoje conhecidas como algumas dessas exceções. Entre os “jornais femininos”, alguns homens dirigiam seus periódicos para o público feminino (Duarte, 2003).

Além desses importantes nomes, a paranaense Mariana Coelho inspira com a publicação de *A evolução do feminismo* (1933), representa uma considerável contribuição para a história intelectual da mulher brasileira. Raquel de Queiroz, renomada figura da literatura brasileira, com seus romances e crônicas jornalísticas, como escritora marca o espaço de autoria feminina e contribui significativamente para o processo de emancipação social da mulher. Embora não tenha se assumido feminista, com o romance *O Quinze*, em

1930, ela adentra o mundo “masculino” ao tratar das questões sociais avassaladoras, como a seca. Houve mesmo quem duvidasse de que tais escritos eram de mulher (Duarte, 2003).

A obra foi recebida com espanto por alguns escritores devido à maturidade literária e intelectual que apresentava Raquel de Queirós aos 19 anos, tanto que Graciliano Ramos pronunciou-se de forma preconceituosa e machista, deixando transparecer em seu discurso fatores determinantes que faziam parte dos pensamentos e ações daquela sociedade patriarcalista. Nem mesmo ele fugiu aos preceitos válidos naquele contexto quanto à presença da mulher no universo literário. Isso mostra que a escritora mulher precisou reforçar seu posicionamento para divulgar sua capacidade intelectual. Assim avalia Jussara Salazar, a respeito da conquista do espaço de autoria feminina: “Só se entra metendo o pé, se pedir licença não nos dão” (Salazar, 2021, n.p.).

Observamos nesse período, além dos avanços no campo literário, a marca constante de luta e dos anseios da mulher em requisitar seus direitos e atuar como cidadã. Embora o direito ao voto só fosse possível em 1932, é notável um significativo interesse de muitas mulheres em ocupar espaços que não se limitavam somente às funções da maternidade, do lar e da educação, amenizando com isso o poder desmesurado do homem sobre si.

A *Quarta onda: revolução sexual e literatura* ocorreu por volta dos anos de 1970, com força capaz de modificar alguns costumes radicais e fazer com que reivindicações ousadas se tornassem normais. O ano de 1975 foi eleito como o Ano Internacional da Mulher e estendido pelo período de dez anos (1975-1985). Entre encontros, congressos e dezenas de organizações, as reivindicações em comum eram por maior visibilidade, conscientização política e melhoria das condições de trabalho. Além disso, o dia 8 de março foi declarado o Dia Internacional da Mulher e passou a ser comemorado de forma mais organizada em todo o Brasil (Duarte, 2003).

Ainda na quarta onda, momento em que é possível a concretização de parte das exigências da fase anterior, destacamos que:

Enquanto nos outros países as mulheres estavam unidas contra a discriminação do sexo e pela igualdade de direitos, no Brasil o

movimento feminista teve marcas distintas e definitivas, pois a conjuntura histórica impôs que elas se posicionassem também contra a ditadura militar e a censura, pela redemocratização do país, pela anistia e por melhores condições de vida. Mas ainda assim, ao lado de tão diferentes solicitações, debateu-se muito a sexualidade, o direito ao prazer e ao aborto. “Nosso corpo nos pertence” era o grande mote, que recuperava, após mais de sessenta anos, as inflamadas discussões que socialistas e anarquistas do início do século XX haviam promovido sobre a sexualidade. O planejamento familiar e o controle da natalidade passam a ser pensados como integrantes das políticas públicas. E a tecnologia anticoncepcional torna-se o grande aliado do feminismo, ao permitir à mulher igualar-se ao homem no que toca à desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor, sexo e compromisso. Aliás, o “ficar” das atuais gerações parece ser o grande efeito comportamental desta quarta onda (Duarte, 2003, p.165).

As mulheres brasileiras enfrentaram, juntamente com a luta pela igualdade, situações voltadas para as questões políticas, como a ditadura militar, e tiveram participação no que reivindicava melhores condições de vida, além da presença ativa nas discussões das pautas feministas.

Nessa onda feminista notamos algumas características específicas devido à ditadura militar. A imprensa organizada por mulheres era necessária para veicular questões polêmicas e construir uma consciência feminista em prol das conquistas sociais da mulher brasileira. As primeiras manifestações feministas dos anos 70 enfatizaram a luta de classes e a resistência à opressão do regime.

É nesse contexto da ditadura militar que surge uma voz feminina que nos motiva a fazer o percurso da literatura de autoria feminina: Jussara Salazar, poeta que se fortaleceu anos mais tarde, mas construiu sua consciência de escrita no período em que se fazia necessário resistir à opressão do sistema político vigente. Utilizamos as palavras de Otávio Paz (1982) para inseri-la como poeta: “O poeta escuta o que o tempo diz, ainda que ele diga: nada. Sobre a página algumas palavras se reúnem ou se dilaceram.” (Paz, 1982, p. 347).

Observamos o movimento feminista como um grande marco histórico na construção dos direitos das mulheres e que se estende até hoje, “Apesar de tantas

conquistas nos inúmeros campos do conhecimento e na vida social, persistem nichos patriarcais de resistência.” (Duarte, 2003, p. 168). As conquistas e superações só foram possíveis graças à persistência incansável da mulher por igualdade nos campos de trabalho e na sociedade. No entanto, o contexto atual continua exigindo que a mulher se mantenha em posicionamento constante em busca de manter respeitado o que se configura como direito, uma vez que as desigualdades em todos os sentidos continuam existindo.

LITERATURA E FEMINISMO

É inegável a contribuição que o movimento feminista trouxe para o campo da escrita de autoria feminina. Como apontamos no início do presente capítulo, a conquista de alguns direitos e espaços ocupados pelas mulheres ao longo da história, que antes eram reservados aos homens, deixa claro que assim como em todas as áreas sociais isso também foi possível no campo da literatura. Por muito tempo aquela que fora silenciada, criticada e subjugada aos costumes do patriarcado percebe a necessidade de fazer parte do que compreende a história da literatura e da crítica literária.

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo (Zolin, 2019b, p. 319).

Nesse sentido, foram necessários muitos anos de resistência e ousadia por parte das mulheres escritoras em relação a sua inserção no meio literário. A tradição literária não abria espaço para as vozes femininas, alegando que não havia modelos literários femininos.

Diante desse modo de pensar, muitas mulheres que escreviam utilizaram pseudônimos masculinos para que pudessem adentrar os discursos até então produzidos. Outro fator de grande relevância é que “toda a história das mulheres foi feita pelos homens.” (Beauvoir, 1980, p. 165). Dessa forma, a mulher sempre figurou os espaços literários, porém descritos pelo prisma masculino desde os primórdios da literatura. Podemos citar as personagens Iracema e Aurélia nas obras *Iracema* e *Senhora*, escritas por José de Alencar, Carolina na obra *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo e não poderíamos deixar de citar Capitu, em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Além dessas, muitas outras mulheres tiveram suas vozes representadas pelos homens em seus textos, de acordo com o que julgavam e determinavam como sendo especificidades do feminino.

Nessa perspectiva, salientamos o que postula Teixeira (2008) quanto ao resgate de textos que valorizam a criação literária de autoria feminina, que ela considera ser um dos estudos mais produtivos no âmbito da pesquisa feminista. Esses textos levantaram questões esclarecedoras e relacionadas ao sistema de representação usado na construção da história literária. Isso se deve ao fato de que sua base é voltada para crenças estéticas, por expressar valores ideológicos claros que muitas vezes permanecem invisíveis nos padrões de criação literária de autoria feminina. A autora enfatiza a importância da criticidade em relação ao próprio discurso crítico, ao qual cabe, em última instância, estabelecer um quadro de referências que padronize as condições de aceitação de obras em determinado contexto nacional, além de determinar quais obras literárias constituem a representatividade, o discurso e a singularidade simbólica da cultura nacional (Teixeira, 2008).

Nesse contexto, a mulher escritora segue resistindo, buscando espaços e meios para a divulgação de suas obras, lutando contra os preceitos ideológicos, unindo-se a escritores, membros do processo editorial, donos de pequenas editoras, publicitários e leitores, evidenciando a conquista de um lugar, mesmo que periférico para os que estão à margem do mercado editorial.

No contexto dos anos 1970 e 80, a literatura de autoria feminina irrompe no Brasil, enfatizando um posicionamento sobre questões de gênero e questionando a formação da identidade feminina em meio ao dilacerado mundo pós-moderno. Nesse ínterim, indagam-se valores até então nunca contestados, como o casamento, a família e o lugar da mulher na sociedade, instaurando uma nova maneira de olhar para si e para o outro. Textos de autoria feminina expõem sentidos coletivos, revelando mudanças em processo de assimilação às quais os críticos devem voltar os olhares (Ribeiro, 2019). Nesse sentido, a noção de cânone é relativizada com a pós-modernidade, pois a literatura das minorias, que sempre foi marginalizada, impõe-se com obras de grande qualidade estética, as quais apresentam questionamentos existenciais e posições ideológicas da contemporaneidade de forma convicta. Desse modo,

Analisar aspectos que situam a pós-modernidade é um interessante recurso para compreender de que forma uma série de fatores históricos, políticos, ideológicos e filosóficos contribuem para a emancipação da mulher e a libertação de sua voz na literatura, e o modo como essas questões são incorporadas esteticamente no que se convencionou chamar de literatura-pósmoderna, em geral, e na literatura de autoria feminina, em particular (Mello, 2012, p. 11).

As obras de autoria feminina inserem-se nesse meio procurando salientar que a representação das minorias tem voz. Assim, trazemos para esse contexto a voz de Jussara Salazar, que se inscreve nesse viés, pois sua obra é marcada pela subjetividade e a recriação poética contextualiza cenários em que se encontram mulheres que traçam a resistência no cotidiano. Na poética de Jussara Salazar observamos características descritas por Ribeiro (2019), ao constatar que o discurso poético explora possibilidades de refletir sobre a realidade feminina. Dentre as possíveis leituras da poética da autora, destacamos o que se refere ao uso da poesia e do texto literário como um espaço para problematizar de forma artística o que é vivido na sociedade. Esse espaço poético usado pela escritora requer atenção para uma voz que não se cala, mesmo diante de tantas formas de imposições sobre o gênero feminino e sobre as demais minorias tão presentes na atualidade.

O feminismo não se esgota, afinal de contas, ele continua marcando sua presença em cada autora que constrói esse espaço tão diversificado e múltiplo que compõe a literatura brasileira, com seus gêneros variados, apostando na divulgação das produções nas redes virtuais ou nos livros físicos publicados pelas editoras que acolhem os escritos das minorias. Vencer um silêncio secular não constitui tarefa fácil. Além de resistir, a tarefa consiste em conquistar um público leitor que receba e incorpore as vozes de quem luta.

Seja como for, resta ao/ a pesquisador/a e ao professor/a de literatura fazer com que essas vozes ‘outras’ sejam ouvidas não apenas entre eles/as próprios/as, nos limites das reuniões acadêmicas, dos grupos de trabalho e dos seminários que se debruçam sobre a temática ‘Mulheres e Literatura’, mas também nas salas de aula, numa atitude de descolonização do pensamento que faz emergir a multiplicidade e a heterogeneidade de vozes e perspectivas geo-socioculturais que compõe a cena literária brasileira (Zolin, 2019, p. 330).

Assim sendo, consideramos a necessidade da contextualização, que compreende o feminismo e a autoria feminina, para que seja possível abordar algumas leituras que contornam a poética de Jussara Salazar. A memória utilizada de forma seletiva transfigura a resistência que é reavivada por meio do resgate de histórias de mulheres que inspiram o seu fazer poético. No poema “*Tempus fugit*”, por exemplo, há uma possível referência a uma mulher, que, em seu lar, resistiu aos acontecimentos difíceis e deixou sua marca feminina presente mesmo depois de sua partida.

Tempus fugit

aquele corpo sentimental
Paredes
prateleiras armários
linhas de um horizonte
arabescos íntimos. Como não imaginar
a casa- esse corpo sentimental?
paredes vazias revelam a outra casa
a que se esconde
a verdadeira pele da casa

na imperfeição de seu relevo
revelação de si mesma
última página. A derradeira casca da cebola
agora alvejada
por uma rajada de balas cegas. Um front
paredes em silêncio
marcas
vestígios de guerras
corpos irregulares. Espaço nulo
buracos escavados. Talvez recordem o
dia em que você acordou feliz
e dançou um samba na sala
depois de um gin tônica
se não me engano. A música
e o olhar para as grandes janelas
voltadas para um mar de outras janelas
mar de pequenas luzes
sirenes
sinos
alardes de crianças ao anoitecer.
Agora os móveis perfurados
desfeitos
desarmados
o outro lado
o inútil. Visto de um ponto atrás do palco
onde a entrada é proibida ao público
pedaços de avesso
escombros inacabados
improvisos. Restos de madeira
de uma antiga demolição
sem nexos e sem passado
chegarão ao novo destino
sujas, encharcadas pela chuva
que sem aviso cairá sobre o caminhão.
A casa agora vazia de objetos e risos
calará os teus segredos entre frestas
no reflexo do velho espelho. E o teu riso
sem que ninguém perceba
soará do nada
como um guarda-chuva esquecido
para desaparecer outra vez
como o cão que segue um rosto anônimo
e some sem deixar vestígios
por essa rua desconhecida e luminosa
(Salazar, 2011, p. 81-82).

O poema resgata memórias que se referem a espaços conhecidos. Um local que já foi habitado por uma figura feminina que possui uma história de vida e resistência. “A casa é também um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal” (Bacv14 *apud* Chevalier; Gheerbrant, 2020, p. 248). De acordo com a descrição do dicionário, observamos a marca da presença feminina que caracterizou o espaço e esse resistiu às balas oriundas de um período de guerra.

Há a presença de versos que denotam a espontaneidade de alguém que acordou feliz e aproveitou seu dia: “buracos escavados. Talvez recordem o/ dia em que você acordou feliz/ e dançou na sala/ depois de um gin tônica”. O presente é descrito a partir de lembranças do que se viveu nesse local e o que resta é um silêncio causado pela ausência de alguém que foi embora sem avisar. Permanecer na memória e ser inspiração na poesia é uma marca de resistência à passagem do tempo, à modificação natural dos usos e costumes.

Avaliando o que foi mencionado por Zukoski (2020) em relação à invisibilidade e dificuldade das mulheres na divulgação de suas escritas, retomamos o questionamento do silenciamento imposto, na expressão de Woellner (2007, p. 13), “Quantas delas foram privadas, inclusive, da alfabetização? Que voz feminina poderia ser ouvida, nessas condições?”. Assim, é imperioso reconhecer quão valorosa foi e continua sendo a luta da mulher pela igualdade na vida social e nos campos da literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poética vista por um viés de um audacioso olhar feminino procura por espaço e significação daquilo que faz parte da sociedade como um todo, dos acontecimentos que rodeiam e afetam a mulher real, das situações que impõem condições problemáticas ao ser mulher, advindas do resultado da concepção machista da sociedade por ações de opressão, silenciamento, violência, entre outros.

Dessa maneira, uma das características marcantes na obra de Jussara Salazar é dar vozes às mulheres oprimidas e silenciadas, constituindo-se assim em resistência às imposições da sociedade patriarcal. Ao trabalhar isso poeticamente a autora lança mão das suas memórias e (re)significa acontecimentos particulares que lhe são caros, utilizados agora como temática universal.

Assim, a poesia de Jussara Salazar traz para o seu bojo vozes que anseiam por mudanças de paradigmas. Ao considerar o trabalho da poeta com a linguagem, almejamos que a poesia constitua sempre espaço de vozes de expressão da mulher na sociedade e que as diferenças sejam diminuídas.

REFERÊNCIAS

BANCO DO NORDESTE CULTURAL. *Jussara Salazar – Natalia – Liberato*. Fortaleza-CE: Banco do Nordeste Cultural, 2005. 1 vídeo (54min40s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OLysb1XhGzU&t=1649s&ab_channel=. Acesso em: 13 abr. 2021.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 1987.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

Conversa com Escritor. #104/2021 – Conversa com Escritor(a) recebe Jussara Salazar. Online: **Conversa com Escritor**, 2022. 1 vídeo (2h23min23s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qVcyzqbHje0&t=2613s>. Acesso em: 23 mar. 2022.

COSTA, André Luiz. Fiar palavras no dorso escuro da terra: a tessitura de Jussara Salazar. **Plural Curitiba**, Curitiba. 9 mai. 2021. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/livros/fiar-palavras-no-dorso-escuro-da-terra-a-tessitura-de-jussara-salazar/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

DUARTE, Constância Lima. Feminismos e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Porto: 7 Graus, 2022. Disponível em: [https://www.dicio.com.br/feminismo/#:~:text=substantivo%20masculino%20Doutrina%20cujos%20preceitos,\)%2C%20entre%20homens%20e%20mulheres.](https://www.dicio.com.br/feminismo/#:~:text=substantivo%20masculino%20Doutrina%20cujos%20preceitos,)%2C%20entre%20homens%20e%20mulheres.) Acesso em: 14 fev. 2022.

MICHAELIS. Dicionário Online. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/feminismo/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

FLORES, Guilherme Gontijo. Tudo que rasga: bala, faca e língua. **Revista Continente**, Recife, 24 fev. 2021. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/resenha/tudo-que-rasga--bala--faca-e-lingua.> Acesso em: 24 fev. 2022.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.

KOTTER TV. Lusofonia e Política - Marcos Pamplona conversa com Jussara Salazar. Online: **Kotter TV**, 2021. 1 vídeo (1h33min52s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7SBpXAre7xM&t=802s>. Acesso em: 21 jul. 2021.

MELLO, Cláudio José de Almeida. Pós-modernidade, pós-modernismo e a literatura de autoria feminina: vozes de resistência na literatura brasileira. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, v. 10, n. 1, 2012.

PEDROSA, Cida. “NÃO temos projeto nenhum hoje, a não ser o de desmonte da educação brasileira”. **Rascunho**. Rio de Janeiro. 1 jan. 2022. Disponível em: <https://rascunho.com.br/paiol-literario/cida-pedrosa-2/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

PAZ, Otávio. **O Arco e Lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RIOS, Perón Pereira Santos Machado. O elegio da elegia. *Rascunho: O jornal de literatura do Brasil*. Curitiba, n. 155. p. 11. mar. 2013. Disponível em: https://rascunho.com.br/wp-content/uploads/2013/02/Book_Rascunho_155.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

SALAZAR, Jussara. “Escrevo, apenas”. Entrevista concedida ao O povo, o jornal do Ceará. **Jornal de Poesia**, online, 27 jun. 2005. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/jussarasalazar1.html>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SALAZAR, Jussara. Dados biográficos. **Centro de Documentação de Literatura de Autoria Feminina Paranaense** – Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Disponível em: <http://sites.uem.br/cedoc-lafep/indice-de-escriptoras/letra-j/jussara-salazar/dados-biograficos>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SALAZAR, Jussara. **FIA**. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2016.

SALAZAR, Jussara. **Natália**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

SALAZAR, Jussara. **O dia em que fui Santa Joana dos matadouros**. Recife: Cepe, 2020.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Entre o ser e o estar: o feminino no discurso literário. **Guairacá Revista de Filosofia**, Guarapuava, v. 25, n. 1, p. 81-102, 2009.

Disponível em:

<https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/1125/1082>. Acesso em: 18 dez. 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina no contexto da pós-modernidade.

IPOTESI, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, 2009. Disponível em:

<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/a-literatura-de-autoria-feminina.pdf>.

Acesso: 05/01/2022

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 4. ed. Maringá: EDUEM, 2019a. p. 319-330.

Data de recebimento: 07/009/2022

Data de aprovação: 10/07/2023